

# Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Journal da Torre*

Class.: 186

Data: 1 de Dezembro de 1984

Pg.:

## O PRÊMIO

### Para a obra apaixonada e fascinante dos Villas-Boas



A prestigiosa revista alemã de geografia e antropologia Geo, de Hamburgo, convidou os irmãos Cláudio e Orlando Villas-Boas a viajarem à capital da Alemanha, Bonn, onde no próximo dia 10 de dezembro o presidente da Comissão Norte-Sul, o ex-chanceler alemão e prêmio Nobel da Paz Willy Brandt, lhes entregará o Prêmio GEO de 1984. Essa distinção anual simboliza a profunda admiração que vastos setores especializados da Europa — e mesmo do público leigo — sentem pelo

denodo e grandeza na manutenção do Parque Indígena do Xingu, a obra máxima da vida desses sertanistas brasileiros de renome mundial. Cinqüenta mil marcos alemães acompanham a laurea e são o resultado da votação sugerida pelos autores Rolf Boekemeier e Michael Friedel, que estiveram com Orlando Villas-Boas no Parque do Xingu em 1982 e ficaram vivamente impressionados com a defesa que os Villas-Boas consagram às populações indígenas, cujos direitos mais comecinhos foram e são pi-

soteados por inumeráveis tipos de predadores humanos. Uns se apossaram de sua terra, outros arruinaram sua cultura e outros mais negaram a sua identidade ou maioridade mental. São crimes que se vem cometendo há 400 anos, desde a data do descobrimento do Brasil, um dos genocídios mais terríveis de um século que precisou criar esse neologismo para definir os delitos em massa. Perpetrados pelos nazistas nos campos de concentração, pelo regime soviético no vasto "Gulag" da Sibéria e pelos

Khmer Rouge no Camboja, atual Kampuchea, com 1/3 de sua população chacinada impune pela fúria fanática e assassina. Marca sinistra destes anos de 1900 que estão por terminar, balizados pelo Vietnã e pelo Afeganistão, por El Salvador, o Irã e o Iraque. É como se hoje as denominações geográficas tivessem perdido seu significado original e agora quisessem dizer apenas horror, crueldade, morte e aniquilação. Aqui, um depoimento de Orlando Villas-Boas concedido a Léo Gilson Ribeiro.

250.000 pessoas, se tanto. Quer dizer: chacinamos em média um milhão de pessoas por século! O massacre que os norte-americanos, os argentinos fizeram com suas populações aborígenes nos estamos fazendo agora de forma acelerada. Por outro lado, há um aspecto oposto a este: a medicina acabou com a malária, com as doenças endêmicas, com os tabus alimentares, com a anemia pós-parto e felizmente já se vêem famílias com seis, até com oito filhos, embora o índio tenha feito sempre um controle da natalidade muito inteligente por si só. Mas a vida útil da mulher, com a eugenia moderna, a higiene, a nutrição forte, aumentou muito. Antes uma mulher após poucos partos, e com 35, 37 anos de idade, era uma mulher completamente acabada; hoje, não.

Os índios tangidos do Sul que foram dar no Nordeste legaram ao nordestino aquela fisionomia circunspeta: não conheço anedotas nordestinas, em compensação um repentista faz milhares de trovas e o carioca não sabe fazer um verso, não é mesmo? Aquela precedência do homem em tudo também ficou. Para a sociedade índia não podemos colocar problemas complexos como o do feminismo, das classes sociais. Se quisermos chamá-la assim, é forçoso reconhecer que os índios são machistas, em geral, mas as crianças têm uma liberdade sexual que nós consideramos precoce. Uma menina de 12 anos pode matar o próprio filho assim que ele nasce porque a criança não pode constituir um encargo para ninguém, não existe a mãe solteira e nem ela diz quem, de todos os homens com quem teve relação, é o pai da criança, pois se não são casados! E ninguém da sociedade vai criar o filho dela, não há creches nem solidariedade. Até na morte o índio, para nós, parece indiferente: não chora a morte de um amigo; pois se não é da família dele, ora!

Não existe o conceito da virgindade, o homem se precisa de mais de uma mulher para tirar sua roça se casa com outras. Nada disso é indecente ou antinatural para eles. Tudo está consagrado por leis, tradições e costumes imutáveis. Como o pajé e o feiticeiro, por exemplo. O pajé de uma tribo é um indivíduo que tem condições, através de revelações, de ter contato com o sobrenatural, como o médium no espiritismo ou o "cavalinho" no candomblé. O feiticeiro não tem ligação alguma com o sobrenatural mas tem uma força intrínseca, dele: a de fazer o mal. Se ele atravessar a aldeia de modo fechada, a aldeia inteira o presenteia porque sabe que ali ele tem um feitiço mortal. Para o índio tudo é espírito, tudo são entidades do bem ou do mal, que o homem deve respeitar, na fauna, na natureza; a doença por exemplo aparece porque um espírito mau se apossou do corpo do doente e cumpre ao pajé curá-lo. Chamam vários pajés, que, juntos, na pajelança, vão fazer a coisa mais difícil: saber qual é o espírito mau, o espírito mau, que raptou a alma daquele indivíduo. Se não descobrirem, a vingança pode ser terrível. Certa vez, um índio morreu vitimado pela pneumonia. Explicamos várias vezes que era doença de carabaia (homem branco, civilizado) e nos afastamos da aldeia. A meia-noite ouvimos uma gritaria tremenda: eles tinham serrado o pescoço do feiticeiro e ele não gritou para não nos acordar. Eu nunca disse que o índio é superior moralmente a nós. Destituído de ambição, do nosso tipo de ambição materialista, sim. Há limitações óbvias na sua sociedade também: o índio não tem "eu", não tem gratidão, não tem abnegação, não tem solidariedade.

O que eu vejo com clareza é que a miscigenação continuará, mas na minha opinião jamais uma tribo inteira se integrará no nosso modo de vida civilizada. A nossa cultura é muito mais forte. Eles vão desaparecer. E temos a arma suprema que estamos abrindo ao índio que é a arma econômica. Em todos os seus aspectos: extrativismo, agricultura etc. Mesmo os planos mais recentes da Funai de imbuir o índio da noção de cultivar a terra dentro de uma economia de mercado não podem dar certo.

São Paulo, o Estado mais rico da Federação, não conseguiu em 400 anos nada mais do que deixar os indígenas marginalizados. Basta ir a Itanhaém, no litoral paulista, perto da Capital e ver os índios para sobreviver à miséria fazerem arquinho, cestinha, num artesanato banal. E nem os raros índios que já estão nas universidades têm noção sequer desse crepusculo melancólico de uma raça. A inocência, a pureza, a integridade de uma aldeia que nunca viu um missionário, um seringueiro, um garimpeiro são inimagináveis. Há uma algazarra das mulheres, o grito das crianças, as gargalhadas dos homens. Nós, com a superioridade da nossa tecnologia, com a catequese que rouba a própria identidade espiritual do indígena, com a nossa total ausência de escrúpulos e cupidês econômica, abrimos nossas asas protetoras sobre essa gente e eles morrem. Ou se "convertem", como os Bororés. É preciso vê-los, servindo de sacristão na missa, paramentados, tocando o bombo ou a corneta na execução de hinos da Igreja. Que palavras haverá para se comentar isto?

Eu era um menino reinador, levado em minha cidade, Botucatu. Cheguei a ser expulso certa vez do Colégio Interno Paulista por um dos turfos maiores da minha vida... Eu tinha na minha família a fama de maior apreciador de goiabada: entrei na despensa e roubei uma lata de goiabada! O Colégio era fundado pelo professor Rocha Campos, educador muito conhecido aqui em São Paulo, mas, exatamente, o currículo daquela nossa época não fazia alusão ao índio, absolutamente! Mas nós éramos gente do Interior típica e quando essa vinculação com a cidade grande acabou, com a morte de nossos pais, nós, meus irmãos e eu, resolvemos voltar para o Interior. Primeiro fomos em quatro morar numa pensão ali na rua Marquês de Itu, Nelson, o mais velho, Leonardo, o mais mego, que faleceram, Cláudio e eu. Mas não tínhamos graça nenhuma a gente voltar para um sertão que já tinha virado um pouco de cidade grande, como São Paulo. Já tínhamos perdido tudo: pai, com dois aneurismas um depois do outro; pouco depois morria também a mãe; a fazenda tinha sido liquidada, era grande e antes nos deixava numa situação econômica muito boa, mas agora... Agora nós abrimos um mapa imenso do Brasil no chão do nosso quarto de pensão e escolhemos o rio Araguaia, que naquela época era o limite do avanço da civilização. Enquanto estávamos no Araguaia, surgiu a Expedição Roncador-Xingu e isso em decorrência do pronunciamento de um premiado francês, Paul Renaud, que disse que os espaços brancos, vazios de gente das cartas geográficas, brasileiras deviam ser ocupados pelas populações excedentes da Europa, já que a tónica da Segunda Guerra Mundial era em torno do "espaço vital". Aí corria o ano de 1944 e o Getúlio (Vargas) resolveu criar a "Marcha para Oeste" e nós seguimos como chefes da Vanguarda Expedição Roncador-Xingu. Como eu digo em meu livro Xingu, o velho Káia conta a história do seu povo (Editora Kuarup, Porto Alegre) que saiu agora, a verdadeira expedição tinha dados muito pitorescos, "causos" e invenções engraçadas e até maliciosas do povo e que não constam dos relatos oficiais, solenes, áridos.

eram bravos ainda, isso lá por volta de 1929/30. De forma que o assunto índio não era desconhecido para nós. Depois, com esse negócio de ir para o Interior, nós tínhamos tudo que havia sobre Rondon, de Couto de Magalhães, de Lígia Botelho de Magalhães, Teóphila Barbosa, essa gente toda: tínhamos lido tudo sobre eles. De modo que o assunto índio já era mesmo um assunto nosso, entranhado no nosso dia-dia.

### Belo mosaico

Havia apenas, mas no Rio de Janeiro, uma cadeira de Tupi, mas que não era obrigatória. Nas áreas em que nós penetramos, no Brasil Central, é que conseguimos formar aquela que a Unesco considera "o mais belo mosaico de línguas puras da América". Tínhamos lá concentrados, por fenômenos migratórios que ainda não foram estudados, porque o nosso antropólogo é um homem apressado, representantes de 4 grandes famílias linguísticas. Porque nos grupos indígenas são classificados conforme a língua a que pertencem: Jê, Aruak, Tupi e Karib e recentemente os de língua isolada, os Trumai. São vários agrupamentos: dos Aruak há os Waurá, Meinko, e Iualapiti. Dos Karib os Naruvot subdivididos pelos Kuikuru, Kalapálo, Nauauá, Matipu, Tsuva e Aipátsi. Depois, vieram os do tronco linguístico tupi: Kamaiurá, Auéti. Eram tribos que vinham pressionadas de todos os lados pelo invasor civilizado. A chegada dos seringueiros, balateiros, garimpeiros e castanheiros também apressou a expulsão de suas terras da nação Juruna, já em guerra com seus inimigos mais ferozes, os Botocudos. É verdade: é triste ver que são ridículos os números de sobreviventes de milhões e milhões de grupos indígenas ao correr do tempo: a indústria extrativa, as estradas, a farinha misturada com arsênico oferecida aos indígenas pelos fazendeiros, a avassaladora ganância sem escrúpulos, o conceito materialista predatório, tudo contribuiu para esse esfacelamento. Os Nafuquá? Existem só 20 deles, dos Matipu também, 85 Krenakróre, 20 Trumai, estou falando do que se preservou no Parque Indígena do Xingu.

Ah, são choques de culturas, de concepções de vida totalmente incompatíveis. Imagine que são sociedades que mantêm seu equilíbrio partindo de princípios totalmente opostos aos nossos. Ninguém manda em ninguém; a criança é livre e soberana, até na sua sexualidade; o trabalho é estritamente dividido entre trabalho de homem e trabalho de mulher; os mais velhos são respeitados como conselheiros sábios e experientes. Por isso damos tanto valor aos trabalhos de Lévy-Strauss, pois Lévy-Strauss prova que não estamos em contacto com homens de cultura primitiva nem cultura paralela, nós estamos tendo o privilégio de conviver com uma outra mentalidade, outra ética, outra moral! São culturas que têm como base a crença na imortalidade da alma e o culto dos mortos. E vivem plenamente o dia de hoje. O futuro? Virá, mas hoje é que estamos vivos, amanhã talvez sim, talvez não: por que se preocupar com o incerto? Quem deixasse uma pilha de livros de Marx traduzidos nas respectivas línguas veria os livros mofarem: para os índios não existe a luta de classes! E são individualistas ao extremo. Como eles mesmos dizem: uma árvore não ajuda a outra a crescer, um índio também nada tem que ver com o outro, são criaturas estancas. Nós é que in-

ventamos essa bobagem de "vamos procurar as lideranças indígenas", nós é que não podemos viver sem "chefes", "líderes" e transferimos essa modalidade de pensar para eles! E como eles acham estranho ou riem quando vêm dinheiro: para quê? Se tudo se faz à base de trocas, dependendo de um número justo de horas de trabalho que se empregou em qualquer artigo que se queira trocar! A maioria das pessoas não compreende que o índio vive num mundo mágico, no qual ele é permanentemente vigiado por espíritos, bons ou maus, da natureza, dos outros homens, vivos ou mortos. Em cada comunidade indígena há sempre uns quatro homens pintados andando de lá para cá para mostrar às entidades que eles estão alegres porque, se não estiverem alegres, adoecem. Para eles, a vida que receberam dos antepassados passará para seus filhos. Não admiram nada do nosso mundo: automóveis, lanchonetes, cinemas. Só as gerações mais novas é que se deslumbram com as coisas que São Paulo e o Rio, por exemplo, oferecem: uma viagem de avião, ver o mar, a televisão. É trágico, mas eles jamais irão compreender que se eles quiserem participar efetivamente da sociedade brasileira, o único lugar que, ela lhe pode oferecer é a favela.

### Juruna, piada.

A Funai? Ah, sim, aí é que estaria a função desse órgão: esclarecer, atenuar a transição, e a aculturação do índio. De uns diretores para cá, ultimamente a Funai adotou um sistema diferente: quando um indígena vai fazer uma reclamação, a Funai o coloca na folha de pagamentos e o índio, como bom individualista, se acomoda. A representatividade do índio no Executivo e no Legislativo, independentemente dos partidos políticos, como vem sendo defendida, é um absurdo, porque o índio não vai advogar nada que atinja outras tribos; não há comunidade solidária, são compartimentos estanques. Veja o deputado Juruna: é uma piada carioca e a única tecla em que ele bate é na já conhecida: "A terra é do índio, a terra é do índio!", mas o faz sem conhecimento do assunto. O grande jurista Themístocles Linhares propôs que as terras indígenas fossem demarcadas num prazo de cinco anos: eu poria 45 anos, pois temos toda uma série de companhias abalazadíssimas capazes de fazer a agrimensura, mas não podem assinar um contrato de 500, 600 milhões de cruzeiros. Olhe: de 1910 a 1954, demarcaram-se no Brasil 600.000 hectares de terras de índios. De 1974 a 1978 já estão no desmate 12 milhões de hectares de terra. O ministro do Interior, Andreaza, que nós viamos assim com um pé atrás, por causa da Transamazônica, no entanto foi um grande sujeito, pois na sua administração foram demarcados 18 milhões de hectares de terras; mais os 12 anteriores são 30 milhões de hectares demarcados, ainda existem por demarcar 50 milhões.

Eu não diria que por todas essas razões, incompetência ou insuficiência de órgãos para lidar com esse assunto, constatamos que estamos assistindo não à lenta mas à violenta agonia das nossas culturas autóctones... Que sentido tem a Fundação Nacional do Índio criar departamentos de pesquisas? Isso devia ser feito através de convênios com as grandes universidades. A Funai não pode financiar um grande número de antropólogos nem ampliar seus quadros, por exigüidade financeira: só isso já absorveria

toda a Funai. O que acontece então? Enfiaram na cabeça de quem for lá fazer uma pesquisa, aí então o índio pesquisado passa a receber uma diária! É um absurdo! A única coisa que eu fiz foi abrir as portas do Xingu, o único benefício foi que lá tivemos pesquisadores de todo o mundo. De Lévy-Strauss ao papa estiveram lá. Hoje, não: a Funai é fechada. Existe em Goiânia um fotógrafo alemão, muito rico, que se dedicou a fotografar índios, entregou para a PUC de Goiânia perto de 300.000 fotografias! 300.000! Pois bem: esse sujeito está sendo processado pela Funai, que está cobrando dele direitos autorais: é uma loucura!!! O Jacques Cousteau também me escreveu, anunciando que queria ir ao Xingu, se eu iria com ele; o filho dele também me telefonou de Paris. Formou-se até um grupo para cooperar com o Cousteau na Funai. Mas não se sabe quem pôs na cabeça dos índios que o Cousteau era rico, que daí ia sair muito dinheiro, resultado: apresentaram ao Cousteau, para que ele fosse fazer a pesquisa, uma conta de 100 milhões de cruzeiros. Ele desistiu.

Meu sonho? Já não tenho sonhos. Vivemos no Brasil uma época de céleres, brutais mudanças econômicas e sociais, dentro de um regime capitalista, corre-se rumo às riquezas. Essa afirmação de que o homem é a preocupação do Estado é puramente eleitoral! Dentro de 20, 30 anos, não seremos uma Nação de extrema esquerda, mas um país mais socializado, e aí, sim, o homem passa a ser uma preocupação do Estado e o índio passa a ter o seu lugar. Por enquanto devemos é mantê-los em suas reservas — exato: e mantê-los vivos! — porque esta geração de moços que vem vindo aí, esta tem uma consciência muito maior e nela está incluído o índio, seus problemas, seus direitos. Até a mentalidade do sertanejo, o maior inimigo que o índio tem, note-se, está mudando. O homem cuja sorte está lançada no garimpo é gente de um caráter fabuloso. Andavam conosco pela selva adentro, acompanhando a mim e a meus dois irmãos, Leonardo e Cláudio, os sertanejos com ódio do índio e com aqueles baítas mosquetões às costas e 50 balas no borsal, os Xavantes bravos em torno. O que fazer? À noite ficávamos contando histórias da Carochinha, quanto mais ingênua melhor. Eu conversei com Piauí, um dos sertanejos: "Você tem casa, Piauí?". "Tenho sim, só lá no Piauí. Casa boa, com quintal grande que não acaba mais." "Então, se um homem entrasse no teu quintal ou na tua cozinha, o que você fazia?" "Ué, entrou, morreu, né?" "Ah, e então como é que você faz a mesma coisa com a casa do índio?" "Ih, pois não é que o Sió tá com a razão memo?"

### Números da destruição.

Para impedir que tudo piore ainda mais para o índio, devemos graduar a sua aculturação. Dar um facão ou uma enxada é uma forma de ajudá-lo a capinar, a matar animais. Mas com cuidado: querer integrá-los de choque é querer que eles mudem de atitude, mudem de escala de valores, e quem passa por esse processo morre ou perde a sua identidade. Podemos é prestar assistência médica ao índio, nas suas reservas, repito. Em outros países, como a Bolívia, o Paraguai, o índio tem um papel preponderante, no Brasil nunca houve nenhum segmento da sociedade índia que tivesse um papel de relevo na nossa sociedade. O ponto alto foram as missões jesuíticas, mas, exatamente, o Marquês de Pombal pôs tudo por terra. Desde então, os indígenas, que eram uns cinco milhões ou pouco mais de habitantes antes que os europeus chegassem aqui, 500 anos depois estão reduzidos a



Orlando: "A maioria das pessoas não compreende que o índio vive num mundo mágico"